

FRACASSO ESCOLAR: MUITOS CULPADOS E POUCAS SOLUÇÕES

SCHOOL FAILURE: MANY TO BLAME, FEW ANSWERS.

Alice Maria do Prado Alves ¹

RESUMO: Este artigo, de caráter descritivo-interpretativo, busca definir, contextualizar e discutir sobre o fracasso escolar dentro das unidades escolares e suas causas. Inicialmente buscou-se definir o fracasso ou insucesso escolar e dessa forma trazer e relatar diferentes meios pelos quais ele se manifesta dentro das escolas. Vale ressaltar que o fracasso não acontece somente dentro do ambiente escolar, mas muitas vezes dentro de casa, da vida cotidiana, durante uma brincadeira com colegas na rua ou mesmo por conta de pressão sofrida pela criança por parte dos adultos com os quais ela convive. Dessa forma, acorda-se com Charles Hadji (2012), que o fracasso escolar se refere ao oposto ao êxito dos alunos. Contudo dessa falta de êxito não se resume unicamente ao contexto escolar. Há três tipos da origem desse fracasso: o meramente escolar, o social e o pessoal. A partir de uma revisão bibliográfica, nota-se que as experiências acompanhadas pelas autoras Carvalho e Cruz (2017), exemplificam as diferentes formas de se perceber o fracasso de um aluno e a forma como esse é encarado e suprido por um conjunto de fatores que estão ao redor da criança no decorrer de sua vida acadêmica, desde a educação básica, até o ensino médio.

Palavras-chave: Fracasso escolar; Parceria; Sistema educacional; Insucesso

Abstract: This descriptive-interpretative article aims to define, contextualize, and discuss school failure within educational units and its underlying causes. It begins by defining school failure, exploring its various manifestations within schools. Notably, failure is not confined to the school environment; it often originates from home, daily life, peer interactions, or pressures exerted by adults. Charles Hadji (2012) defines school failure as the antithesis of student success, extending beyond the school context. This failure can stem from three primary sources: purely scholastic, social, and personal. The article will recount experiences from Carvalho and Cruz (2017), illustrating the diverse ways in which student failure is perceived and addressed by the factors surrounding the child throughout their academic journey, from basic education to high school.

Keywords: School failure; Partnership; Educational system; Unsuccessful

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais a expressão *fracasso escolar* é usada com grande frequência entre as paredes das escolas. Docentes, direção, alunos, conhecem o termo como algo que faz parte da rotina, comum, dentro desse ambiente. Contudo a expressão não deveria ser tratada dessa forma, uma vez que nem mesmo o tema é tratado com seriedade e soluções não são trabalhadas para que a temática seja solucionada como deveria.

¹ Alice Maria do Prado Alves, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (2009), Especialista em Gestão Organizacional e Recursos Humanos – UFSCar (2012), em Gestão Escolar, Letramento e Pedagogia Empresarial – Faculdade Campos Elíseos (2017), alicemprado@gmail.com

Desta forma, nota-se que o fracasso escolar é um tema necessário e importante, uma vez que faz parte do dia a dia escolar, no entanto, há que se considerar que ele também traz polêmicas em suas opiniões, as quais são por diversas vezes, são conflitantes.

Segundo Ferreira (2016) há que se atentar para as análises superficiais e generalizadas que podem definir e até mesmo “rotular” os alunos em relação ao fracasso escolar, isto porque acredita-se que um rendimento escolar insatisfatório é única e exclusivamente responsabilidade do sujeito, que para o autor não necessariamente segue essa lógica, uma vez que a “(...) aprendizagem é uma tarefa muito difícil e sofre influência de inúmeras variáveis: pedagógicas, psicológicas, sociais, linguísticas e outros!” (FERREIRA, 2016, p.129)

Segundo Pirone (2017), o fracasso escolar é objeto de inúmeros estudos no campo da sociologia da educação, por essa razão pode parecer difícil ainda haver assunto para ser discutido sobre a temática. Porém, existem diferentes formas de se abordar as discussões a respeito do assunto e, por essa razão podem e devem contribuir para que sejam elaborados novos discursos que ajudem com o trabalho pedagógico nas salas de aula, na escola e mesmo em casa.

Carvalho e Cruz (2017) trazem à discussão os possíveis fatores desse desenvolvimento do fracasso escolar, compreendido pelas autoras, como um insucesso que vem ocorrendo em jovens na idade escolar obrigatória. Tais constatações foram possíveis a partir de narrativas analisadas dos estudantes, as quais foram permeadas por discursos de tédio e frustração, como as características mais evidentes nesses alunos durante seu cotidiano. Nesse presente trabalho serão relatadas algumas das experiências narradas pelas autoras, para que fique mais fácil a visualização da falta de êxito escolar e suas possíveis causas.

O insucesso escolar é sempre vivenciado com dor e, segundo Hadji (2012), não somente por aqueles diretamente atingidos, mas à sociedade como um todo, já que está mais do que claro o fracasso lamentável do sistema escolar.

O fracasso escolar, um desafio persistente no cenário educacional, transcende a mera dificuldade individual do aluno, revelando-se um reflexo de intrincadas interações entre fatores escolares, sociais e pessoais. No cerne dessa complexa teia, o trabalho docente emerge como um vetor crucial de transformação. Este texto propõe-se a explorar a complexidade desse fenômeno, com ênfase no papel central do professor como agente de mudança.

A partir de tais constatações, o presente Trabalho tem como objetivo definir, contextualizar e discutir sobre o fracasso escolar dentro das unidades escolares e suas causas. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa de caráter descritivo-interpretativo, por meio da revisão bibliográfica acerca de estudos referentes às possíveis interpretações e suas interfaces ao Trabalho Pedagógico. Isto porque, como ressalta Pizzani et al. (2012), a revisão bibliográfica possibilita a compreensão do conhecimento já construído de um determinado tema, porém, por meio de sua análise traz a possibilidade de identificação das lacunas e pontos que podem ser mais explorados, o que permite uma abordagem mais estruturada e crítica para alcançar o objetivo proposto.

Assim, ao longo das páginas seguintes, analisaremos como a preparação dos educadores, tanto inicial quanto continuada, pode influenciar positivamente a trajetória

dos alunos, transformando o ambiente escolar em um espaço de aprendizagem inclusivo e acolhedor. Abordaremos a importância de práticas pedagógicas inovadoras, da valorização das potencialidades individuais, da gestão eficiente da sala de aula e da colaboração entre profissionais, elementos essenciais para a construção de uma educação mais justa e democrática, em que o professor se destaca como figura chave na superação do fracasso escolar.

DEFINIÇÃO E CONTEXTO DO FRACASSO ESCOLAR

Charles Hadji (2012) define o fracasso escolar como o oposto do êxito dos alunos, uma visão que transcende a mera reprovação ou baixo desempenho acadêmico. Essa perspectiva ampla nos convida a considerar o fracasso como um fenômeno multifacetado, com raízes que se estendem para além das paredes da escola.

Dessa forma, o autor chama a atenção para o conceito de fracasso no âmbito escolar como nada além do que o oposto ao êxito dos alunos. Contudo essa falta de êxito não se resume unicamente ao contexto escolar. Segundo o autor, há ao menos três tipos de origem da falta de êxito dos alunos:

[...] o meramente escolar (concluir, na instituição, o percurso valorizado pela sociedade e obter o diploma), o social (alcançar um cargo, uma posição social lucrativa e valorizada) e, por fim, o pessoal (atingir a auto realização que proporciona qualidade de vida e traz felicidade, como ser um bom profissional, útil aos seus contemporâneos) (HADJI, 2012).

Hadji (2012, assim, identifica três dimensões principais do fracasso:

- **O fracasso meramente escolar:** Refere-se à incapacidade de concluir o percurso acadêmico valorizado pela sociedade e obter o diploma. Essa dimensão está diretamente ligada ao sistema educacional e às suas expectativas de desempenho.
- **O fracasso social:** Envolve a dificuldade de alcançar um cargo ou posição social lucrativa e valorizada. Essa dimensão destaca a influência do contexto socioeconômico e das desigualdades sociais no sucesso ou fracasso dos indivíduos.
- **O fracasso pessoal:** Diz respeito à incapacidade de atingir a autorrealização, a qualidade de vida e a felicidade. Essa dimensão nos lembra que o sucesso não se resume a conquistas materiais, mas também à realização pessoal e ao bem-estar emocional.

É importante ressaltar que essas três dimensões estão interligadas e se influenciam mutuamente. O fracasso em uma dimensão pode desencadear o fracasso em outras, criando um ciclo vicioso difícil de romper.

Cada um desses três planos está diretamente ligado e, por essa razão, o fracasso que se obtém ao início da vida escolar pode se perdurar por toda a vida acadêmica e pessoal se não for trabalhado com a devida importância desde os primeiros sinais no ambiente

acadêmico.

Pirone (2017), relata que com articulação subjetiva e institucional pode-se fazer uma nova leitura do que seria essa falta de êxito dos alunos dentro das instituições, buscando novas falas para que se encontrem soluções para essa realidade que ultrapassa os limites dos muros das escolas.

Nessa pesquisa feita, a autora traz três elementos, vistos como marcantes, para que o fracasso aconteça dentro das escolas. Dessa forma o insucesso vem sendo construído socialmente por consequência de cada um desses fatores. O primeiro relatado diz respeito a dificuldade dos alunos de falarem em grupo sobre sua vida escolar e, ao mesmo tempo, muito excitados por tal motivação à fala, ficava difícil dos objetivos desses grupos de conversa alcançarem o que estava sendo proposto.

Sendo assim, nesse primeiro momento o que estava sendo relatado mostrava que as crianças muitas vezes não tinham voz dentro de seus ambientes escolares e, por essa razão, o fracasso podia ser perpetuado, pela falta de compreensão dos sentimentos que estavam dentro dessas crianças sem sucesso escolar.

O segundo relato da autora, no tocante aos três elementos, é relativo aos professores, que frequentemente aparentavam ter um discurso desapegado no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem dos alunos, acentuando “sempre uma forma de impotência” (PIRONE, 2017, p. 106). Colocando ainda, ênfase no discurso do professor que fica preso em uma forma repetitiva de queixa, alegando que nada pode ser feito.

O terceiro traz a resposta das instituições ao fracasso escolar, que luta contra esse processo que se expande cada vez mais. “Os processos de fracasso escolar podem ser analisados como a expressão das formas de desligamento operando em nossa contemporaneidade” (PIRONE, 2017, p. 106), sendo que nas instituições, muito mais se remedia do que se previne que esses casos de insucesso aconteçam rotineiramente.

Dessa forma, descreve-se e contextualiza-se o fracasso escolar dentro dos diferentes âmbitos escolares nas perspectivas dos alunos, professores e instituições. A falta de êxito dos alunos, algo tão presente no ambiente escolar e muitas ignorado para ser mais cômodo para de todos os envolvidos, inclusive fora da escola. A seguir, serão relatados casos de alunos que foram diagnosticados com esse problema tão recorrente e como cada um foi percebido em suas dificuldades e particularidades.

RELATOS DE FRACASSO ESCOLAR

Como citado ao início do presente artigo, aqui serão feitos relatos de experiências trazidas pelas autoras Carvalho e Cruz (2017), para que a partir dessas, possam ser feitas análises buscando soluções para esse problema tão recorrente dentro do ambiente escolar.

Carvalho e Cruz (2017), fazem o relato do aluno Gabriel (nome fictício), 12 anos, em uma fase de adaptação à nova escola. Inicialmente foi identificado por meio de uma avaliação psicológica como tímido e pouco participativo, com comportamentos não muito adequados – o que contribui para o insucesso de Gabriel na escola. Suas participações nas aulas eram, muitas vezes, descontextualizadas, e parecia que ele não fazia relações com o que estava sendo discutido e seus comentários. Ao longo do período letivo, suas interações cresceram e em algumas situações conseguia relacionar temáticas ao seu

cotidiano. O aluno, segundo o relato das autoras, muitas vezes se frustrava ou se entristecia por não conseguir manifestar seus conhecimentos ou demonstrar suas competências, pois sentia que os outros alunos não o entendiam.

As autoras também fazem relato do aluno Luís (fictício), no qual a mãe se preocupa com o desempenho escolar do filho e fica desiludida diante do não cumprimento de tarefas escolares e quer lhe dar punições, pois sabe que o menino pode fazer melhor do que faz. Contudo o aluno relata para a estagiária que ele não sente a necessidade de ser o melhor aluno, pois somente precisa da nota para entrar no curso que o interessa. Ele sabe que não precisa de muito esforço, pois, mesmo sem fazer o que é necessário, tem consciência que com o seu conhecimento e suas habilidades, conseguirá alcançar o objetivo de passar em uma universidade pública.

Um terceiro caso citado por Carvalho e Cruz (2017) em seu trabalho é o do aluno João (nome fictício). Outro caso comum de criança que foi considerada, desde o primeiro ciclo do ensino básico, como agitada e possivelmente hiperativa. É o aluno que somente teme a autoridade da mãe, agressiva, que o humilha e desencoraja quando o compara com o irmão. O menino vive somente com a mãe e o irmão (bem-sucedido profissionalmente), sem contato com o pai. Aos olhos das escolas ele é um aluno desinteressado, ansioso, frustrado e muitas vezes indisciplinado. Entre retenções e mudanças de escola, João foi encaminhado para consultas com psicólogos para que fossem feitas avaliações das suas capacidades cognitivas e áreas de interesse. Ao passar dos anos, após ser avaliado novamente, foi afirmado que ele sofria de perturbação ansiosa, pensamentos obsessivos e rituais compulsivos.

Foi elaborado um plano de recuperação devido ao baixo rendimento, e o aluno passou a mostrar interesse nas sessões com a psicóloga escolar. Mas como relatado pelas autoras, João sempre realiza auto avaliações extremamente negativas. Dentro da sala de aula ele sofreu com os colegas que chegaram a maltratá-lo e rirem dele, contudo ele aparentemente não se importa e entra na “brincadeira”.

Diante das situações apresentadas, pode-se ter certeza de que o fracasso escolar não está somente na mão dos estudantes que estão imersos nesse contexto sem a devida atenção. Como relatam Carvalho e Cruz (2017), uma vez que a escola é de todos, há uma grande capacidade e responsabilidade para que todos possam colaborar e interagir nesse processo da falta de êxito desses alunos.

É fundamental que se busque o norte para as soluções. É imprescindível que sejam respondidas perguntas como: Que escola temos?; Que escola queremos ter?, para que dessa forma se saiba onde precisa chegar. Nesse processo deve-se entender *quem* ensina e *como* esse processo deve ser feito, para que as potencialidades possam ser desenvolvidas, sem que sejam esquecidas as necessidades presentes dentro de uma escola.

Isto porque como destaca Weiss (2007),

O professor tem uma visão privilegiada sobre a influência da família no comportamento escola, detendo informações para melhor compreender as interrelações dessa dinâmica e sua influência no processo de ensino aprendizagem. É preciso que o professor competente e valorizado encontre o prazer de ensinar para que possibilite o nascimento do prazer de aprender. (WEISS, 2007, p. 18).

Além disso, tal visão de fracasso como um problema único e exclusivo do sujeito que demonstra dificuldades em sua aprendizagem, sem que haja um docente e, mais ainda, uma equipe escolar atuante e atenta aos estudantes, pode levar ao uso de medicamentos sem necessidade. Ora, atualmente está sendo muito difundida a ideia da medicalização para qualquer questão que saia do que é visto como *normal* dentro das salas de aula. Nesse sentido, Medicalização pode ser entendida como:

[...] o processo de transformar questões não-médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas e soluções para problemas dessa natureza (COLLARES & MOYSÉS, 1994, p.25).

E ainda, durante o cotidiano escolar percebe-se que

A difusão acrítica crescente de "patologias" que provocariam o fracasso escolar - de modo geral, "patologias" mal definidas, com critérios diagnósticos vagos e imprecisos - tem levado, de um lado, à rotulação de crianças absolutamente normais e, de outro, a uma desvalorização crescente do professor, cada vez menos apto a lidar com tantas "patologias" e "distúrbios" (COLLARES & MOYSÉS, 1994, p.29)

Essa definição vem de encontro com tudo o que se consegue perceber nos relatos citados anteriormente. Sempre são envolvidas questões que buscam justificar os insucessos relacionando-os com assuntos médicos. Sendo que, na verdade, seria muito mais coerente buscar as raízes dos problemas para que dessa forma fossem efetivamente solucionados ou ao menos amenizados.

Faz-se necessário buscar quais são as alternativas presentes para que alcance o que está sendo pretendido, entendendo que cada criança é um ser único e precisa que suas particularidades dentro e fora da escola sejam respeitadas.

Muitas vezes o aluno tem dificuldade em construir seu conhecimento acadêmico e, por essa razão, o processo de ensino/aprendizagem não acontece como deveria. Os professores, escola e sociedade, ainda veem, em muitos casos, o processo como algo dicotomizado: o professor ensina e o aluno aprende. (FREIRE apud MATTOS, 2005)

É nesse contexto que o professor encontra-se perdido sem as parcerias, direcionamentos necessários e sem o suporte devido de todos os meios possíveis, sejam eles médicos, psicológicos, de capacitação contínua, do corpo gestor – que também, muitas vezes, não se encontra preparado para enfrentar todos os desafios que vêm se apresentando cada vez com mais frequência – e de órgãos públicos que podem e deveriam dar respaldo para que essa expansão do fracasso escolar não acontecesse como algo cotidiano, que é visto como *sem cura*. Dessa forma “exige-se, então, refletir no(s) porquê(s) do insucesso escolar das crianças e jovens sobredotados e, conseqüentemente, na (in)operacionalização da diferenciação e flexibilidade curricular” (CARVALHO & CRUZ, 2017, p.1151).

A IMPORTÂNCIA DO TEMA “FRACASSO ESCOLAR” NA FORMAÇÃO DOCENTE

O fracasso escolar, como evidenciado no corpo deste presente artigo, é um fenômeno multifacetado, com raízes que se estendem para além dos muros da escola. Para os futuros docentes, compreender essa complexidade é fundamental. Por isso, a formação docente deve ir além do domínio de conteúdos e metodologias de ensino, é crucial que os professores em formação desenvolvam, como destacado por Carvalho e Cruz (2017) a: **sensibilidade e empatia:** para compreender as diversas realidades dos alunos, suas dificuldades e os fatores que contribuem para o fracasso; o **conhecimento sobre desenvolvimento infantil e juvenil:** para identificar sinais de alerta e compreender as necessidades específicas de cada fase; as **habilidades de escuta e comunicação:** para estabelecer um diálogo aberto com alunos, pais e outros profissionais, buscando soluções conjuntas; a **capacidade de análise crítica:** para questionar as práticas pedagógicas e as estruturas escolares, buscando alternativas mais inclusivas e eficazes.

Cada um dos elementos apresentados tem a sua importância individual e crucial para um olhar docente diferenciado e fundamental nos dias atuais, em que a escola é para as crianças muitas vezes um lugar de refúgio e não de aprendizagem. O olhar do professor com empatia e não com caráter de julgamento pode fazer toda a diferença em uma vida escolar que a criança ainda terá pela frente, isso porque o docente ao

Fazer participar o aluno com dificuldade de aprendizagem, estabelecendo vínculos, pode reduzir o fracasso escolar. Alunos reprovados sentem-se desmotivados em aprender e buscam fora da escola alternativas que deslocam do foco de aprendizagem. (FERREIRA, 2016, p. 136)

A formação contínua sobre o desenvolvimento das crianças e adolescentes, bem como as nuances da atualidade que interferem nesse processo e desenvolvimento deve acontecer, também, para que tudo que está à volta desse docente possa ser claramente interpretado e entendido. Levar temas relevantes para a sala de aula é mais do que fundamental até mesmo para trazer a confiança desses alunos para com o professor que está à frente dessa formação.

Muitas vezes cada aluno que entra em sala, principalmente de Ensino Fundamental em diante, vai buscar além de um professor, um amigo, alguém com quem possa desabafar ou conversar e tirar dúvidas, as quais dentro de casa não consegue se expressar sobre. Nesse ponto, o professor que sempre deveria estar em contínua formação, precisaria ser capacitado para desenvolver suas habilidades de escuta e comunicação, tão difíceis nos dias atuais com as respostas - muitas vezes erradas - que os alunos encontram na palma das mãos em celulares e tablets.

A formação docente deve, ainda, abordar a importância da parceria entre escola, família e comunidade, reconhecendo que o sucesso escolar depende do envolvimento de todos, por isso é crucial debatermos e refletirmos sobre o papel docente tanto na prevenção quanto na intervenção diante de situações que possam caracterizar-se como um “fracasso escolar”.

O PAPEL DO PROFESSOR NA PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NO FRACASSO ESCOLAR

Os professores desempenham um papel crucial na prevenção e intervenção no fracasso escolar. Através de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas, eles podem criar um ambiente de aprendizagem estimulante e acolhedor, que atenda às necessidades de todos os alunos. Seguindo as discussões já delineadas neste Estudo, vale ressaltar alguns pontos importantes que segundo , pois na formação docente, é essencial que os futuros professores aprendam a: **identificar e valorizar as potencialidades de cada aluno:** reconhecendo que todos têm talentos e habilidades a serem desenvolvidos; **utilizar diferentes estratégias de ensino:** adaptando as atividades e os recursos às necessidades e aos estilos de aprendizagem dos alunos; **promover a autonomia e a responsabilidade dos alunos:** incentivando-os a participar ativamente do processo de aprendizagem; **criar um clima de confiança e respeito na sala de aula:** estimulando a colaboração e o apoio mútuo entre os alunos; e **trabalhar em equipe com outros profissionais:** buscando apoio e orientação para lidar com situações complexas. (CARVALHO e CRUZ, 2017)

Cada aluno, portanto, como destaca Weiss (2007) é um universo único, com talentos e habilidades que merecem ser descobertos e cultivados. O professor, como um observador atento, deve buscar identificar essas potencialidades, oferecendo oportunidades para que cada aluno se destaque. Ao reconhecer e valorizar as conquistas individuais, o educador fortalece a autoestima dos alunos, incentivando-os a superar seus desafios e a acreditar em seu próprio potencial.

Nesta via, pode-se afirmar que a sala de aula é um espaço de diversidade, onde alunos com diferentes estilos de aprendizagem se encontram. Para atender a essa diversidade, o professor deve dominar uma variedade de estratégias de ensino, adaptando as atividades e os recursos às necessidades de cada aluno. A utilização de diferentes metodologias, como aulas expositivas, atividades práticas, trabalhos em grupo e projetos interdisciplinares, torna o aprendizado mais dinâmico e envolvente, despertando o interesse dos alunos e facilitando a assimilação do conhecimento. (FERREIRA, 2016).

O aprendizado é um processo ativo, que exige a participação engajada dos alunos. O professor, como mediador, deve incentivar a autonomia e a responsabilidade, estimulando os alunos a tomar decisões, a resolver problemas e a construir seu próprio conhecimento. Ao promover a participação ativa dos alunos, o educador os prepara para se tornarem aprendizes autônomos, capazes de buscar conhecimento ao longo de suas vidas.

Tardif (2002) aponta para a necessidade de superar a visão da escola como um *locus* apartado da vida e imerso em normas burocráticas, entretanto, considerar apenas estes fatores seria o mesmo que afirmar que os seres humanos são previsíveis e controláveis. Toda instituição escolar é formada a partir de seus agentes e principalmente, de acordo com as relações que esses travam em seu dia-a-dia, desta forma, pode-se dizer que a escola é um local flexível, que se adapta ao contexto e aos atores nela envolvidos.

Um ambiente de aprendizagem acolhedor e seguro é fundamental, portanto, para o

sucesso dos alunos. O professor deve criar um clima de confiança e respeito na sala de aula, estimulando a colaboração e o apoio mútuo entre os alunos. Ao promover a cultura do respeito, o educador cria um espaço onde todos se sentem à vontade para expressar suas ideias, tirar dúvidas e aprender com os erros.

O fracasso escolar é um desafio complexo que exige a colaboração de diferentes profissionais. O professor, como parte de uma equipe multidisciplinar, deve buscar o apoio e a orientação de outros profissionais, como psicólogos, pedagogos e assistentes sociais. O trabalho em equipe permite que os diferentes profissionais compartilhem seus conhecimentos e experiências, buscando soluções conjuntas para os desafios enfrentados pelos alunos.

Ao adotar essas práticas pedagógicas, o professor se torna um agente de transformação, capaz de construir um ambiente de aprendizagem que promova o sucesso de todos os alunos. A superação do fracasso escolar exige um compromisso coletivo, e o professor, como líder da sala de aula, desempenha um papel fundamental nessa jornada.

Além disso, a formação docente deve abordar a importância da avaliação formativa, que permite acompanhar o progresso dos alunos e identificar suas dificuldades em tempo real, possibilitando intervenções mais eficazes.

A FORMAÇÃO CONTINUADA E O COMPROMISSO COM A TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE ESCOLA

A formação docente não se encerra com a graduação. É fundamental que os professores busquem a formação continuada ao longo de suas carreiras, atualizando seus conhecimentos e aprimorando suas práticas pedagógicas.

Acredita-se que a formação continuada, pode abordar temas como: **novas tecnologias e recursos pedagógicos:** para tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes; **educação inclusiva:** para atender às necessidades de alunos com deficiência e outros desafios; **gestão da sala de aula:** para criar um ambiente de aprendizagem organizado e produtivo; **avaliação da aprendizagem:** para utilizar diferentes instrumentos e técnicas de avaliação; **trabalho em equipe e colaboração:** para fortalecer a parceria entre professores e outros profissionais.

Além disso, Alves (2008) afirma que as condições em que a sociedade se organiza na atualidade não possibilita mais pensar em uma formação e atuação docente embasada na disciplina e no “transferir” conhecimento, mas implica pensar em uma nova escola que atente para a diversidade e rompa com a lógica mecanicista, se atentando para a aprendizagem em rede. Com isso, espera-se um novo tipo de formação docente em que este esteja atento ao “(...) seu processo de construção de conhecimento de forma mais interativa e reflexiva, construindo novos significados para os dilemas que surgem cotidianamente nos cenários pedagógicos, que nos apresentam alunos que aprendem em vários espaços de aprendizagem e que já pensam em rede, exigindo da escola e consequentemente dos professores uma postura diferente.” (ALVES, 2008, p.155).

Por isso, a integração de novas tecnologias e recursos pedagógicos no ambiente escolar é crucial para tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes. Ferramentas como softwares educativos, plataformas online, jogos digitais e recursos multimídia podem

enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais interativo e personalizado. Além disso, a familiaridade com essas tecnologias prepara os alunos para o mundo digital em constante evolução, desenvolvendo habilidades essenciais para o século XXI. A formação docente deve, portanto, incluir o domínio dessas ferramentas e a capacidade de integrá-las de forma eficaz ao currículo. (MATTOS, 2005).

Ademais, acorda-se com Martins (2011), a qual afirma que pensar na formação do professor, significa promover condições para que o educador possa refletir sobre o modo pelo qual atua. Neste sentido, o êxito profissional está na capacidade de analisar as situações concretas e cotidianas.

E, neste sentido, a educação inclusiva, um direito fundamental de todos os alunos, independentemente de suas necessidades especiais, precisa ser atendida e fazer parte desse processo formativo em continuum. Isto porque, para atender a essa demanda, os professores precisam estar preparados para lidar com a diversidade em sala de aula. O que inclui o conhecimento de diferentes tipos de deficiência, a capacidade de adaptar o currículo e as atividades para atender às necessidades individuais dos alunos, e a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo. A formação docente deve, portanto, abordar a legislação e as práticas da educação inclusiva, bem como o desenvolvimento de habilidades para trabalhar com alunos com diferentes necessidades.

A gestão eficaz da sala de aula é essencial para criar um ambiente de aprendizagem organizado e produtivo. Isso inclui o estabelecimento de regras claras, a criação de rotinas, a promoção do respeito e da colaboração entre os alunos, e a capacidade de lidar com comportamentos desafiadores. A formação docente pode, assim, abordar as diferentes estratégias de gestão da sala de aula, bem como o desenvolvimento de habilidades de comunicação e resolução de conflitos, como afirma Mattos (2005).

A avaliação da aprendizagem é um processo contínuo que visa acompanhar o progresso dos alunos e identificar suas dificuldades. Para ser eficaz, a avaliação deve utilizar diferentes instrumentos e técnicas, como provas, trabalhos, projetos, observação e autoavaliação. A formação docente deve, portanto, abordar os diferentes tipos de avaliação, bem como o desenvolvimento de habilidades para criar instrumentos de avaliação válidos e confiáveis.

O trabalho em equipe e a colaboração entre professores e outros profissionais são essenciais para o sucesso dos alunos. A troca de experiências e conhecimentos permite que os profissionais desenvolvam estratégias mais eficazes para atender às necessidades dos alunos. A formação docente deve, portanto, incentivar a colaboração entre os futuros professores, bem como o desenvolvimento de habilidades para trabalhar em equipe com outros profissionais, como psicólogos, pedagogos e assistentes sociais.

Além disso, a formação continuada deve incentivar a reflexão crítica sobre a prática docente, estimulando os professores a buscar soluções inovadoras para os desafios do cotidiano escolar. Nessa perspectiva, Esteves (1999) afirma que é preciso repensar a formação docente, de modo a fazer o professor perceber-se como um profissional em constante formação e que entenda seu trabalho como integrado aos demais membros escolares tanto internos à instituição quanto externos, ou seja, sua formação e atuação

(...) deve constituir-se a partir de uma rede de comunicação, que não se

deve reduzir ao âmbito dos conteúdos acadêmicos, incluindo também os problemas metodológicos, pessoais e sociais que, continuamente, se entrelaçam com as situações de ensino. A inovação educativa está sempre ligada à existência de equipas de trabalho que abordam os problemas em comum, reflectindo sobre os sucessos e as dificuldades, adaptando e melhorando as práticas de intervenção (objectivos, métodos e conteúdos). (ESTEVES, 1999, p. 119).

Portanto, o compromisso com a transformação da realidade escolar exige que os professores sejam agentes de mudança, capazes de construir uma escola mais justa, inclusiva e democrática, que supere uma visão taxativa, que acusa o fracasso diante do insucesso do aluno no processo de ensino-aprendizagem como um “problema” único e exclusivo desse sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao citar três casos dos alunos considerados insucessos escolares, podemos perceber que em cada um deles, de alguma forma, se refletem em fracassos encontrados em todas as salas de aula no cotidiano escolar. O grande problema é que muitas vezes o aluno está ali, suas dificuldades foram encontradas e, até mesmo, ditos/diagnosticados por profissionais das áreas competentes, contudo pouco é feito a partir do diagnóstico dado.

Quando relatado o processo que ocorreu com o aluno João, pode-se perceber que precocemente o aluno foi “considerado” agitado e possivelmente hiperativo. As pessoas presentes na vida desse menino não levam em consideração que dar rótulos pode trazer um peso por toda a vida escolar do aluno, limitando-o e o rotulando em suas atitudes, relacionadas com as suas condições de vida. Isso fica claro ao ler que os próprios colegas de sala o maltratam.

Mesmo após o acompanhamento ele ainda traz os reflexos de tudo o que já foi dito e feito em sua vida. O próprio aluno mostra interesse em melhorar, mas ainda assim, João se avalia negativamente, como se mesmo com todo o esforço feito, ele não conseguisse alcançar o “nível” dos outros, por seu baixo rendimento.

Contudo, após uma avaliação mais efetiva e um plano de ação, pode-se perceber que o aluno tinha interesse nas intervenções com a psicóloga. Nesse momento vale repensar a prática docente e o que pode ser feito dentro de sala e dentro do ambiente escolar de forma integral, para que esse aluno não sofra consequências de situações iniciadas em casa por meio da relação do aluno com sua mãe. Nesse caso, a solução proposta de acompanhamento trouxe sucesso para o aluno. Contudo demorou um longo prazo para que fosse eficazmente aplicada.

Nesse momento a grande questão que não é respondida, após essa breve análise a respeito do insucesso dos alunos, é “qual escola queremos para eles”? Claro que respostas vêm com muita facilidade, mas essas respostas ficam vazias em palavras que não refletem em ações no decorrer do cotidiano escolar.

Vale lembrar que “a escola é de todos e para todos e desenvolver capacidades e talentos é responsabilidade de todos, e nenhum de nós pode fugir a ela” (GUENTHER

apud CARVALHO & CRUZ, 2017, p.1150). Não cabe colocar a escola como única culpada pois ela não é o único lugar de ensino/aprendizagem das crianças e adolescentes.

Todos, em diversas situações, gostam de dar diferentes opiniões quando o assunto é educação, contudo na prática o que se vê são escolas que trabalham com alunos de forma uniforme e homogênea. Os alunos hiperativos, pouco participativos, impulsivos, ansiosos, frustrados, como os casos citados acima, são, sem dúvidas, vistos como problemas, pois acabam com a uniformização tão presente no ambiente escolar.

Para buscar diferentes formas de ensino, diferentes dinâmicas, diferentes metodologias, os professores e corpo gestor precisariam ir além, fazendo com que as escolas se tornassem ambientes extremamente complexos, o que deixa de ser confortável para muitos e por essa razão não acontece.

Os alunos passam cada vez mais a não alcançar seus objetivos dentro do lugar que deveria ser a ponte para isso. Os professores se frustram cada vez mais e assim, conseguem ir de encontro com as necessidades que devem ser sanadas cada vez menos.

Se não houver uma grande mudança na base da educação, com respaldo multidisciplinar dentro das escolas, com capacitação continuada para toda a equipe docente e gestora, uma melhor remuneração e até mesmo incentivos de bonificação, os casos de fracasso escolar só tenderão a aumentar cada vez mais e esse fracasso não será, de forma alguma, somente dos alunos, mas de todos os envolvidos, dentro e fora das escolas.

Todo o conteúdo apresentado acima converge para um ponto crucial: o fracasso escolar é um fenômeno multifacetado que exige uma abordagem holística e colaborativa. Não se trata apenas de um problema individual do aluno, mas de um reflexo de complexas interações entre fatores escolares, sociais e pessoais.

A análise revela a importância da formação docente como pilar para a transformação da realidade escolar. Professores, como agentes de mudança, precisam desenvolver um repertório diversificado de habilidades e conhecimentos, que vão desde a identificação das potencialidades individuais dos alunos até o domínio de estratégias de ensino inovadoras e inclusivas.

A superação do fracasso escolar passa, necessariamente, pela criação de um ambiente de aprendizagem acolhedor e estimulante, onde a autonomia, a responsabilidade e a colaboração são valores cultivados. A gestão eficaz da sala de aula, a utilização de diferentes instrumentos de avaliação e o trabalho em equipe com outros profissionais são ferramentas essenciais nesse processo.

Além disso, a formação continuada apresenta-se como um compromisso indispensável para a atualização constante dos educadores, permitindo-lhes acompanhar as transformações da sociedade e as novas demandas da educação. A integração de tecnologias, a promoção da educação inclusiva e a reflexão crítica sobre a prática docente são elementos-chave para a construção de uma escola mais justa e democrática.

Em última análise, o artigo convida a todos a repensar o papel da escola e do professor na sociedade. A educação não se resume à transmissão de conhecimento, mas à formação de cidadãos críticos, autônomos e capazes de transformar o mundo ao seu redor. A superação do fracasso escolar, como taxativo e individualizado é, portanto, um passo fundamental para a construção de um futuro mais promissor para todos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Tecer o conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da escola**. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.

CARVALHO, M.L.D, CRUZ, J.Z. Por quê, Escola, Por quê? Estudantes sobredotados com insucesso escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1143-1159, jul./set. 2017.

COLLARES, C.A.L., MOYSÉS, M.A.A. A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico (A Patologização da Educação). **Série Ideias** n. 23. São Paulo: FDE, 1994. p. 25-31. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_23_p025-031_c.pdf. Acesso em: 17 Ago. 2024.

ESTEVES, José M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999. p.93-124

FERREIRA, C. M. S, Fracasso Escolar. In: **Revista Eletrônica Organizações e Sociedade**. Iturama (MG), v. 5, n. 3, p. 128-139, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revista.facfama.edu.br/index.php/ROS/article/view/198/156> acesso em Agosto de 2024.

HADJI, C. A avaliação e o fracasso escolar. **Nova Escola**. jan. 2012 – Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/562/a-avaliacao-e-o-fracasso-escolar.?query=a%20avaliacao%20e%20o%20fracasso%20escolar>. Acesso em: Ago. 2018.

MARTINS, Ligia Marcia. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MATTOS, C.L.G. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/BFhVYFc37F8JbBnDwXw4sHq/abstract/?lang=pt> acesso em Jan. de 2025.

PIRONE, I. Impasses atuais da relação educativa: o fracasso escolar, uma janela aberta sobre nossa contemporaneidade. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 103-116, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/cnm5hRL73dFcJsY7qx7TRVF/abstract/?lang=pt> acesso em Jan. de 2025.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M.C.P.I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

TARDIF, M. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento. In: _____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 227-244.

WEISS, M.L.L. **A intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.